

Das beiradas ao beiradão: a música dos trabalhadores migrantes no Amazonas / Bernardo Mesquita. – Manaus: Editora Valer, 2022

Por Luciana Requião

Resenha

Nos últimos anos nota-se um crescente interesse nos estudos sobre o trabalho no campo da música, considerando aqueles realizados de formaêmica, ou seja, da perspectiva do sujeito que busca compreender o fenômeno a partir de um olhar “de dentro”. Nesse campo de estudos, considerado por nós ainda incipiente (REQUIÃO, 2022), aqueles realizados sob o prisma do materialismo histórico dialético são ainda mais raros. “Das Beiradas ao Beiradão – a música dos trabalhadores migrantes no Amazonas”, livro do músico, professor e pesquisador Bernardo Mesquita, é um desses exemplos. Publicado em 2022 pela editora manauara Valer, trata da trajetória de três gerações de trabalhadores músicos migrantes no território amazonense, constituída no trânsito entre o espaço rural das beiradas dos rios e o espaço urbano. A riqueza desta obra encontra-se na completude da análise materialista de Mesquita, que busca desconstruir estereótipos idealistas sobre a produção musical no estado do Amazonas – e também sobre quem a produz – destacando repertórios, formações instrumentais, espaços urbanos e rurais onde se dá a prática musical, relações de trabalho, a influência do desenvolvimento tecnológico na produção musical, remuneração, fomento, produção fonográfica, formação musical, dentre outros determinantes para a constituição da chamada “música de beiradão”.

O livro apresenta, além da introdução, um prefácio escrito pelo músico coordenador do canal “Portal do Beiradão” Hadail Mesquita. Ao invés de capítulos, o livro é dividido em seções que não necessariamente precisam ser lidas de forma ordenada. Em cada uma delas o autor trata de um tema (“As festas dos Santos em Manaus” ou “Luta de classes e direitos autorais dos trabalhadores músicos”, por exemplo), de formações musicais como a Lacapaca ou da biografia de um músico atuante na região. Esta última é sempre precedida pela caricatura do músico em questão, ilustrada pelo artista Reginaldo Moreira. O tom crítico sobre as formas capitalistas de existência e de sociabilidade humana às quais os músicos do Amazonas estão submetidos permeia toda a obra.

Conforme nos conta o autor, “este trabalho não consiste numa História da Música no Amazonas, trata-se de uma interpretação histórica sobre a experiência musical dos trabalhadores migrantes” (p.11) que irá configurar a moderna música amazonense, formada por um processo de expansão do mercado musical na região a partir dos anos 1960. Em uma breve digressão, nos é apresentado o movimento histórico dos músicos trabalhadores a partir do estabelecimento da província do Amazonas, em 1852, os quais são denominados pelo autor como a primeira geração das beiradas, “formada por músicos que nasceram no início do século [XX]

e atuaram entre as décadas de 20, 30 e 40 e que iniciaram um trânsito musical entre a capital e os interiores” (p.16). Esse trânsito, também vivenciado pelas gerações posteriores, é mostrado como consequência das etapas de desenvolvimento econômico da região, que passou pelo declínio do sistema extrativista e chegou à modernidade industrial. O grande fluxo de imigração nordestina é também destacado pelo autor.

Nesse movimento, a música, que inicialmente era mais ligada a festividades religiosas e celebrações familiares ou populares, foi dando lugar à música comercial. Segundo o autor, principalmente entre as décadas de 1950 e 1980, deu-se lugar a autonomização da música popular, quando esta se separa da esfera ritualística e mercantiliza-se (p.156). Assim, se em um momento os músicos poderiam se apresentar por “devoção”, aos poucos essa relação foi se “profissionalizando” e a remuneração em dinheiro tornando-se o valor de troca primordial pelo serviço prestado. Lembrando uma célebre passagem de Marx e Engels no Manifesto do Partido Comunista (2010), Mesquita sintetiza o processo descrito em seu livro: “Tudo o que era estável e sólido desmancha no ar; tudo o que era sagrado é profanado, e os homens são obrigados a encarar com olhos desiludidos seu lugar no mundo e suas relações recíprocas” (MARX e ENGELS, 2010, p.29).

Apesar da aparente integração dos músicos trabalhadores à indústria fonográfica nacional (p.156), a adaptação ao mercado não se deu sem conflitos, observando-se muitas vezes a dificuldade em “assimilar uma lógica mais impessoal imposta pelo novo ordenamento fonográfico a que estavam submetidos os trabalhadores músicos migrantes” (p.141). Contudo, segundo o autor, após um estranhamento inicial, a tendência seria à adequação à lógica mercadológica (p.150).

Mesmo com a efervescência da vida musical no Amazonas, quer seja nas bandas militares, nos festejos, nos clubes, nos cinemas e teatros, no rádio ou nas igrejas, Mesquita observa que muitas vezes os músicos não obtinham recursos materiais suficientes para seu sustento, sendo obrigados a deixar a profissão musical ou a cumprir extenuantes jornadas de trabalho em profissões distintas, corroborando pesquisas realizadas em outras localidades do país.

Interessante notar que, se em certo momento o montante pago aos músicos que se inseriram no meio fonográfico gravando discos (LPs) foi aumentado – como foi o caso de um dos saxofonistas entrevistados por Mesquita – (p.144), em outro momento, quando a tecnologia permitiu o uso de teclados sintetizadores, esse mesmo tipo de músico perdeu seu posto de trabalho, sendo substituído pela máquina (p.164). Além disso, “a partir de 1975, já sob o efeito da Zona Franca de Manaus, os clubes começaram a não contratar com frequência as bandas (...), os equipamentos de som e toca-discos começaram a atender uma boa parte da demanda musical da cidade” (p.193).

Questão pouco discutida na literatura sobre o trabalho no campo da música no Brasil – o etarismo – aparece de forma sensível no texto de Bernardo Mesquita: “Toinho viveu a euforia do crescimento e o desalento do declínio deste ciclo produtivo da indústria capitalista da música. Sem reconhecimento merecido, Toinho tornou-se um músico invisível. Centenas de pessoas passam todos os dias

sem saber de sua admirável trajetória, sem conceber o valor de seus momentos empolgantes e de seus feitos significativos para a música nortista” (p.169). A precariedade das condições de trabalho dos músicos é sentida não só pelo esquecimento do artista, mas pela falta de estrutura desta profissão que se ressentem de uma organização trabalhista mais efetiva e acolhedora, apesar de algumas tentativas, como na ocasião da criação da Associação Profissional dos Músicos de Manaus, em 1957 (p.118), ou, em 1983, com a Associação dos Músicos do Amazonas, “que não teve vida longa” (p.324).

Por fim, o autor analisa a sonoridade musical produzida nos anos 1980, atestando uma variada gama de gêneros musicais que influenciaram e transformaram a música amazonense, com destaque para o intercâmbio entre o Pará e o Amazonas. Determinante nesse processo de fluxo migratório, que requeria do músico extrema capacidade de adaptação, foi o rádio e a influência das músicas norte americanas. Outra determinante foi a indústria fonográfica, com sua ânsia em produzir ídolos e mercadorias de alto potencial como valor de troca. Dessas influências e contextos nasce o beiradão. Não mais aquele relacionado à beira dos rios, mas sim uma espécie de gênero icônico da música amazonense. O esforço do autor está em analisar essa transformação, questionando a forma como o termo é vulgarmente reconhecido, desconstruindo a ideia de que o beiradão seria apenas um gênero musical. Nesse esforço, Mesquita observa o beiradão como “um processo de ser e estar dentro desse contexto de trânsito de sociabilidades” (idem). Mais que isso, reforça a ideia de que é necessário compreender a historicidade desse processo, a base material e as contradições da luta de classes, para que nos seja revelada a essência das práticas musicais dos trabalhadores músicos migrantes do Amazonas. Diz o autor: “procurei mostrar como a música se entrelaçava com a dinâmica das festas religiosas, e como a dimensão econômica é um elemento fundamental para compreender as transformações históricas na vida musical desses trabalhadores” (p.352).

Mesmo com toda a riqueza da análise empreendida no livro sobre os processos de produção musical no Amazonas a partir da prática de músicos migrantes, o autor nos deixa uma grande lacuna no que se refere à participação das mulheres. Apenas na página 90 podemos ver uma fotografia da banda feminina do Colégio Benjamim Constante de 1959. Além desta, não temos outras informações sobre práticas musicais de mulheres musicistas no longo período histórico abordado por Mesquita. Não obstante, a obra contribui de forma significativa aos estudos sobre o trabalho no campo da música no Brasil, não somente pela abordagem que busca uma compreensão do fenômeno musical para além das suas evidências mais imediatas, mas também por nos apresentar a vida musical da região Norte, ainda tão desconhecida para aqueles e aquelas que estão bem mais abaixo da linha do Equador. Leitura obrigatória para aqueles e aquelas que se interessam por compreender a essência das relações sociais de produção musical no Brasil.

Referências

MARX e ENGELS. Manifesto do Partido Comunista. Porto Alegre: L&PM, 2010.

MESQUITA, Bernardo. *Das beiradas ao beiradão: a música dos trabalhadores migrantes no Amazonas*. Manaus: Editora Valer, 2022.